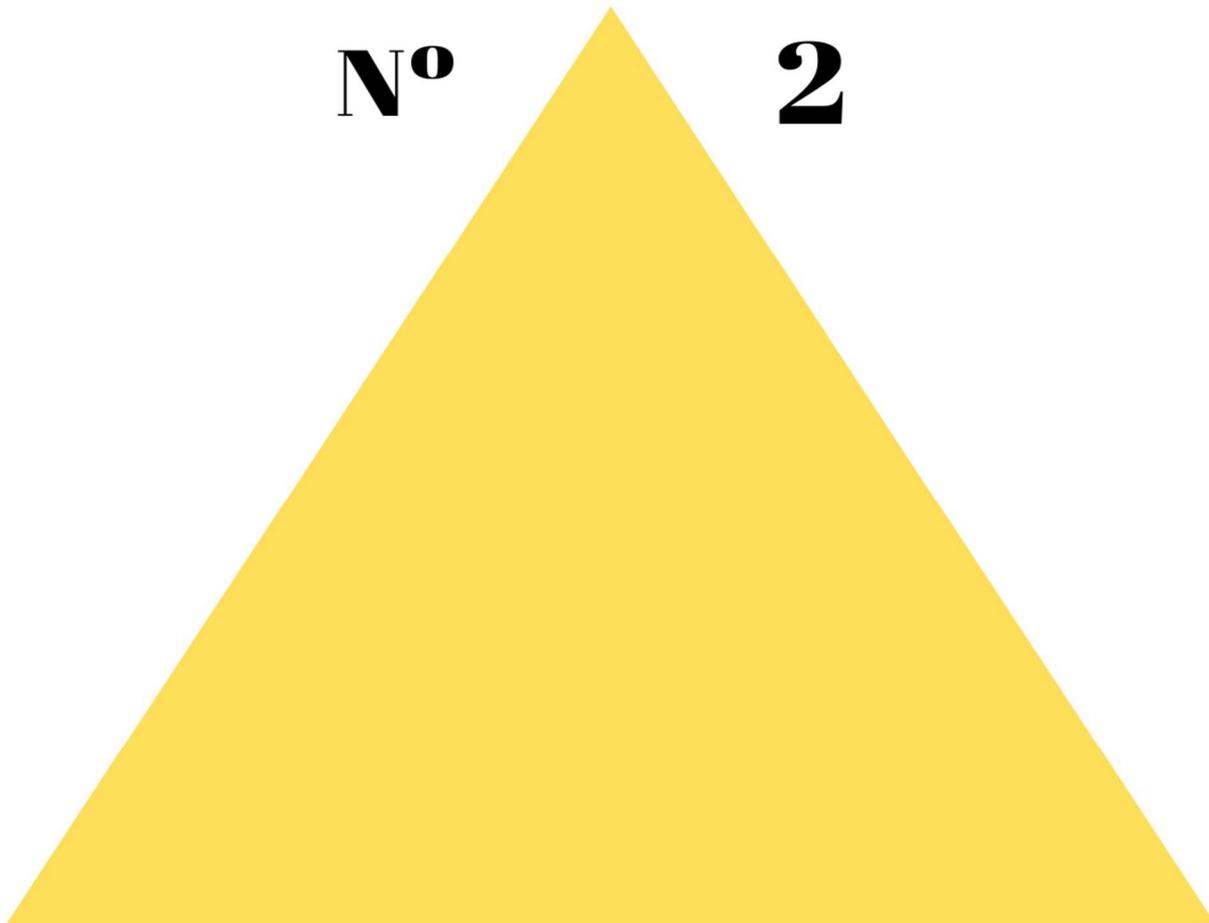


revista **NEXOS**
eletrônica

**OBRAS DE GUIDO BILHARINHO
ESTUDOS REGIONAIS**

**UBERABA/BRASIL
4º TRIMESTRE 2021**

Nº 2



**EDITOR
GUIDO BILHARINHO
EDITORAÇÃO ELETRÔNICA
GABRIELA RESENDE FREIRE**

NEXOS 2

SUMÁRIO

ECONOMIA

Evolução Econômica de Uberaba 3

PERSONALIDADES

Major Eustáquio 23

O Fundador de Uberaba

PATRIMÔNIO CULTURAL

Genealogias 32

PERIÓDICOS CULTURAIS

Almanaque Uberabense (1895) 38

Revista de Uberaba (1904) 43

INDICAÇÕES

Trilogia Sobre Uberaba 50

Uberaba: História, Fatos e Homens 52

Blogs Culturais 53

BLOG

<https://revistaregionalnexus.blogspot.com/>

E-MAIL

guidobilharinho@yahoo.com.br

**“QUANDO SE GOSTA DA VIDA, GOSTA-SE DO PASSADO”
(MARGUERITE YOURCENAR)**

Economia

EVOLUÇÃO ECONÔMICA DE UBERABA

Introdução

Ao se abalçar a focalizar a evolução de cidade, região ou país, indispensável se basear em duas premissas, sem o que não se terá visão real e sistêmica da realidade. A primeira, é que a sociedade humana pauta-se pelas atividades econômicas e o estado das forças produtivas, estas determinantes, por sua vez, das relações de produção. A segunda, é a perspectiva dinâmica da História, ou seja, sua contínua transformação.



Casa Fernando Sabino (1906) – o intenso movimento comercial

Uberaba nasceu, como não poderia deixar de ser, sob o signo da economia. Esvaindo-se pouco a pouco a produção aurífera do Desemboque, suas lideranças mais lúcidas, cônego Hermógenes Cassimiro de Araújo Bruonswick e seu primo Antônio Eustáquio da Silva e Oliveira, informados por entrantes a oeste daquela povoação da qualidade das terras e abundância de águas da região da futura Uberaba, acrescida da circunstância de nelas passar a via Anhanguera com o trânsito de caravanas e tropas entre São Paulo e Goiás e vice-versa, não tiveram dúvida de que nelas estava a possibilidade e viabilidade econômica regional, vindo, ambos, pessoalmente verificar *in loco* essas informações.

Período de 1827-1855

Fundado o arraial nos meados da década de 1810, logo na seguinte deu-se o primeiro choque econômico – adotando-se a terminologia de Hildebrando Pontes, primeiro e até agora o único a tratar do assunto sob essa perspectiva, à qual se restringe este artigo – com o estabelecimento pelo já então sargento-mor (major) Eustáquio de porto em Delta, do desvio da Anhanguera para aquela localidade e da navegação dos rios Grande e Moji Guaçu para comercialização do sal, que de Uberaba encaminhava-se para Goiás e Mato Grosso.

“Foi ainda dentro desse lapso de tempo que o major Eustáquio dotou Uberaba com dois melhoramentos de natureza relevante: a abertura do porto de Ponte Alta, em sociedade com

o vigário Antônio José da Silva, e a navegação do rio Moji Guaçu até ao rio Grande, para o transporte de sal, um dos gêneros de primeira necessidade e ainda muito escasso no país” (Hildebrando Pontes. *História de Uberaba e a Civilização no Brasil Central*, p. 90/91).

A importância dessa rota para a configuração da Uberaba do futuro é enfatizada por Eduardo Nunes Guimarães, professor e coordenador do curso de Economia da Universidade Federal de Uberlândia no início da década de 1990, ao informar que eram dois os caminhos entre o litoral e o centro-oeste: a via Anhanguera passando pelo porto da Espinha, que estranhamente localizou “*nas proximidades de Conquista*”*, e a rota salineira (Rio-São João del Rei–Araxá–Patrocínio–Goiás–Mato Grosso), salientando, por fim, que “*dadas estas condições, o arraial da Capelinha estava fadado a ser apenas mais um pequeno aglomerado humano, pois a rota do Anhanguera privilegiava comercialmente a localidade de Franca, que desenvolvia a função de entreposto de distribuição do sal, conhecido como ‘o sal de Franca’.* Desta forma, por um lado, o arraial da Capelinha era polarizado por Franca [...] pelo outro lado, a rota salineira privilegiava a localidade de Araxá, que era, portanto, o principal ponto de ligação com a Corte brasileira. Mas temos o fato concreto sobre a emergência comercial de

* Trajeto da bandeira do Anhanguera: “*numa reta magnífica de sul a norte, podemos acompanhá-la da ponta da ilha do Roberto, dentro do rio Grande, porto da Espinha, córregos da Posse, da Baixa, da lagoa das Toldas, a 60 metros do cemitério São João Batista*” (Edelweis Teixeira. *O Triângulo Mineiro nos Oitocentos*, p.25).

Uberaba [...] a existência da rota fluvial alternativa e economicamente mais rentável. Segundo nos conta Saint-Hilaire, ‘a nova rota salineira passava por São Paulo, Jundiá, Campinas, porto de São Bartolomeu (rio Moji), descia pelo rio Pardo e subia pelo rio Grande buscando o porto da Ponte Alta, daí, através de carros de bois, chegava a Uberaba’ [...] Estabelecia-se assim um importante canal de mercantilização alternativo para o interior triangulino. Esta região e adjacências de Goiás e Mato Grosso forneciam ao litoral o gado e compravam o sal através da rota fluvial com entroncamento em Uberaba” (“A Transformação Econômica do Sertão da Farinha Podre”, revista *História e Perspectivas* n° 04, Uberlândia, UFU, janeiro/junho 1991, p. 13 e 14).

Esse ciclo dinâmico do comércio uberabense subsistiu, consoante frei Eugênio, até meados da década de 1850 - “quando eu cheguei em Uberaba [12/08/1856], estava a cidade em uma decadência notável” (apud Borges Sampaio. *Uberaba: História, Fatos e Homens*, p. 172) - e não até 1859, conforme indicado por Hildebrando Pontes ao afirmar que “esses trinta e dois anos (1827-1859) foram, no princípio, a época mais pujante do desenvolvimento de Uberaba, que alcançou as prerrogativas de vila e cidade” (op. cit., p. 91).

Década de 1850

Na década de 1850 ocorreram vários fatores que provocaram estagnação comercial da cidade, afetando seu

desenvolvimento. Entre eles, prolongamento da navegação fluvial até Frutal, início da navegação do rio Araguaia (permitindo afluxo comercial de Goiás também pelo norte), navegação do rio Paraguai (provocando o mesmo fenômeno em relação Mato Grosso em direção ao sul), e as restrições de financiamento pelos bancos rurais hipotecários.

Além disso, *“a intensa exploração dos veios auríferos na região mineira de Bagagem (atual Estrela do Sul) incentivou a mudança de várias famílias uberabenses, canalizando momentaneamente os interesses da população que até então vivera do comércio e também provocando decréscimo populacional e uma crise em sua economia. A elevação do custo do sal [...] aliada ao aumento dos fretes terrestres, via tropas, refletiu negativamente sobre a pecuária, desestimulando-a”* (Eliane Mendonça Marquês de Resende. *Uberaba: Uma Trajetória Sócio-Econômica - 1811-1910*, p. 47/48).

“O abalo produzido foi de tal natureza que muitas casas [comerciais] aqui se fecharam, ficando apenas quatro que por contarem excelentes fundos puderam se manter independentes do favor dos bancos. A importação de sal [de 135 mil sacas] baixou a 95 mil sacas” (Hildebrando Pontes, *op. cit.*, p. 91).

Décadas de 1860 a 1897

Já na década seguinte, vários acontecimentos vieram animar o comércio de Uberaba: a Guerra Civil Estadunidense, a Guerra do Paraguai, a diminuição da produção diamantífera de

Bagagem e a imigração, permitindo, o primeiro, aumento da exportação do algodão brasileiro para a Europa, antes abastecida pela produção do sul dos Estados Unidos, já que *“Uberaba, posto que distante dos portos de Santos e Rio, produzindo e enviando-lhes o seu algodão, tirava margem a grandes lucros”* (Hildebrando Pontes, *op. cit.*, p. 91). O segundo, pelo trânsito e estacionamento da Força Expedicionária Brasileira que foi atacar o norte do Paraguai, aqui avivando o comércio pelo fornecimento de gêneros à tropa. O terceiro, revertendo o movimento da década anterior, o retorno de Bagagem de muitas famílias, aqui *“investindo os seus capitais em negócios”* (Hildebrando Pontes, *op. cit.*, p. 92). Já a partir da década de 1870, a crescente afluência de imigrantes com suas iniciativas, muitas delas pioneiras, mormente na área industrial, impulsionou o comércio uberabense, que atingiu o clímax com a chegada dos trilhos da Cia. Mojiana de Estradas de Ferro em abril de 1889.

“A imigração estrangeira tornou-se notabilíssima; abriram-se diversas casas de negócios, algumas das quais com renda anual superior a 1.700 contos de réis. O trânsito de carros de bois colossal. Havia muitas casas de comissões para mercadorias destinadas ao Triângulo, Goiás e Mato Grosso. Assim permaneceu até 1897, quando a linha férrea Mojiana tocou a ponta dos seus trilhos em Araguari” (Hildebrando Pontes, *op. cit.*, p. 92/93/94).

A Turbulência de 1897-1911

“Após o prolongamento dos trilhos para Uberlândia e posteriormente para Araguari, o comércio uberabense entrou em crise” (Eliane Mendonça, *op. cit.*, p. 86), ocorrendo nova queda do comércio, Uberaba deixou de ser, como sempre fora desde a década de 1820, a ponta de lança, a boca do sertão, por onde tudo afluía dos portos de Santos e Rio de Janeiro e de onde tudo partia para Goiás e Mato Grosso.

Contudo, como lembrou Hildebrando Pontes, “as grandes transações continuaram para o resto do Triângulo Mineiro, sul de Mato Grosso e mesmo Goiás, pelos mascates ambulantes ou boiadeiros” (*op. cit.*, p. 94/95).

Mas aí vieram dois outros fatos afetar definitivamente a posição comercial privilegiada que Uberaba deteve por décadas e a que, a partir deles, não mais retomou. Foram dois golpes econômicos, um natural e outro oficial e artificialmente engendrado e praticado.

Dada a intensa relação comercial de Uberaba com Mato Grosso, como sua continuação e mesmo corolário, projetou-se a construção de estrada de ferro Uberaba - Coxim, em Mato Grosso, chegando a Uberaba, em 1905, os engenheiros encarregados de sua demarcação e construção, que instalaram escritório na rua Santo Antônio, quando, então, foi cravada a primeira estaca, comemorada com festividades e grande baile.

Contudo, por exigência de Rodrigues Alves, o candidato mineiro à presidência da República, Afonso Pena, concordou, se

eleito, desviar a ferrovia para São Paulo, o que fez, sob denominação de estrada de ferro Noroeste do Brasil, ligando São Paulo a Mato Grosso, inaugurada em 1911, com o que, de golpe, o comércio de Uberaba com aquele Estado desviou-se para São Paulo, encerrando “*definitivamente o dinâmico comércio que a cidade mantinha com Mato Grosso*” (Eliane Mendonça, *op. cit.*, p. 89).

“*A estrada de ferro Noroeste do Brasil, em 1911, penetrando o Estado de Mato Grosso, canalizou de São Paulo para lá, inteiramente, o comércio que, antes, fazia com Uberaba, e esta cidade, dentro em pouco, limitou as suas transações a si própria, pois a parte d’oeste do Triângulo passou a se relacionar com as praças de Barretos e Bebedouro, então ponto terminal da estrada de ferro Paulista, pelo porto João Gonçalves, modernamente Antônio Prado*” (Hildebrando Pontes, *op. cit.*, p. 96).

“*Em 1911, Uberaba perderia definitivamente seu domínio sobre Mato Grosso com a implantação da estrada de ferro Noroeste do Brasil, que canalizou de São Paulo diretamente para aquele Estado (município de Campo Grande) todas as transações que antes se realizavam via Uberaba. A cidade de Campo Grande se tornava assim herdeira natural do entreposto uberabense [...] Uberaba avançava por um processo de atrofiamento polarizador, perdendo também a competição no pontal e norte do Triângulo, respectivamente para Barretos em São Paulo e Uberabinha em Minas Gerais*” (Eduardo Nunes Guimarães, *op. cit.*, p. 22).

Já a perda das transações com Goiás fez-se pela ação do comércio de Uberlândia (então Uberabinha), privilegiada, *“indiretamente, pelo Governo Federal, através da construção em 1909 da ponte Afonso Pena [sempre esse nome!], que a colocava em estreito contato de comércio com todo o sudoeste de Goiás”* (Eduardo Nunes Guimarães, *op. cit.*, p. 27). Uberlândia, *“dada a sua feliz colocação, tornou-se pela força das circunstâncias o empório natural de todo o movimento que a ferrovia Mojiana escoava para os grandes centros de população e para o litoral”* (Pedro Pezzuti, *apud* Eduardo Nunes Guimarães, *op. cit.*, p. 27).

Contudo, a *“dominação de Uberabinha sobre a região ocorreu a partir de 1913 com a construção, pela Companhia Mineira de Auto-Viação Intermunicipal [empreendimento privado], de uma ligação por estrada de rodagem, desta cidade à referida ponte, colocando a sua mercê todo o sudoeste goiano e norte triangulino. Só assim se despontaria a cidade de Uberabinha, consolidando-se com entreposto comercial, sob a conjunção do tripé: ferrovia-rodovia-ponte Afonso Pena [...]* Uberabinha foi, portanto, desde o início da segunda década do século XX, a cidade mais promissora de todo o Triângulo” (Eduardo Nunes Guimarães, *op. cit.*, p. 27 e 30).

O Ciclo do Zebu

Ao contrário, pois, do que equivocadamente se considera e se diz, a introdução e desenvolvimento da pecuária zebuína em

Uberaba e região não foram causas da perda dos relacionamentos comerciais de Uberaba e nem constituíram alternativa à sua crise comercial.

Uma coisa nada teve a ver com a outra, seja direta, seja indiretamente. Por formarem áreas econômicas diversas e independentes, conquanto parcialmente interagentes por ocorrerem nos mesmos espaço e tempo, tiveram desenvolvimento autônomo.



Basta ver que o zebu foi definitivamente introduzido na região em 1888, quando Uberaba estava no auge de seu comércio. Relata Hildebrando Pontes em minucioso ensaio:

“O ano de 1888 estava fadado a ser, como foi, o da introdução efetiva e vencedora do zebu no Triângulo. Antes de terminar este ano, o major Ernesto da Silva Oliveira, indo a Porto Novo da Cunha a negócio de gado, ali viu uma raça de bovinos que lhe chamou a atenção pela sua originalidade. Eram exemplares da raça zebu que ali já se criava. Desse gado

*comprou dois touros que trouxe embarcados até Três Corações e dali por terra até Uberaba” (“O Que Foi e o Que é o Gado Bovino do Triângulo Mineiro”, *Convergência* nº 12, 1982).*

A partir daí estabeleceu-se o ciclo zebuino em Uberaba e região, com compras naquele Estado até de seu touro mais valioso, o Lontra, em 1889, e depois, arrojadamente, indo os fazendeiros uberabenses, por si ou seus representantes, diretamente à Índia adquiri-los em incontáveis comitivas que, iniciadas em 1893 (e não em 1898 como repetem alguns) só foram encerradas na década de 1960.

Assim, não tivesse Uberaba perdido, por fatores alheios a ela, como se viu retro, suas praças de relacionamento comercial, a pecuária zebuina teria se desenvolvido de igual ou até mesmo de melhor forma paralelamente ao seu fluxo comercial, dada nessa hipótese o maior potencial econômico da cidade.

À evidência que, nesse caso, a economia zebuina não teria, como teve, a grande importância obtida, já que a repartiria com a comercial. Como esta entrou em colapso, só aquela alavancou o progresso de Uberaba. E se não fosse sua ocorrência, a cidade paulatinamente iria se encolhendo economicamente e perdendo totalmente sua posição regional, igualando-se a tantas outras.

Em consequência, se se pode constatar que *“ressentindo-se de todo o ônus acarretado pelas perdas destas praças [de Goiás e Mato Grosso], a economia uberabense, que já estava em crise, passou a gravitar em torno da atividade pastoril – a criação de gado zebu”* (Eliane Mendonça, *op. cit.*, p. 11), não é certo, porém,

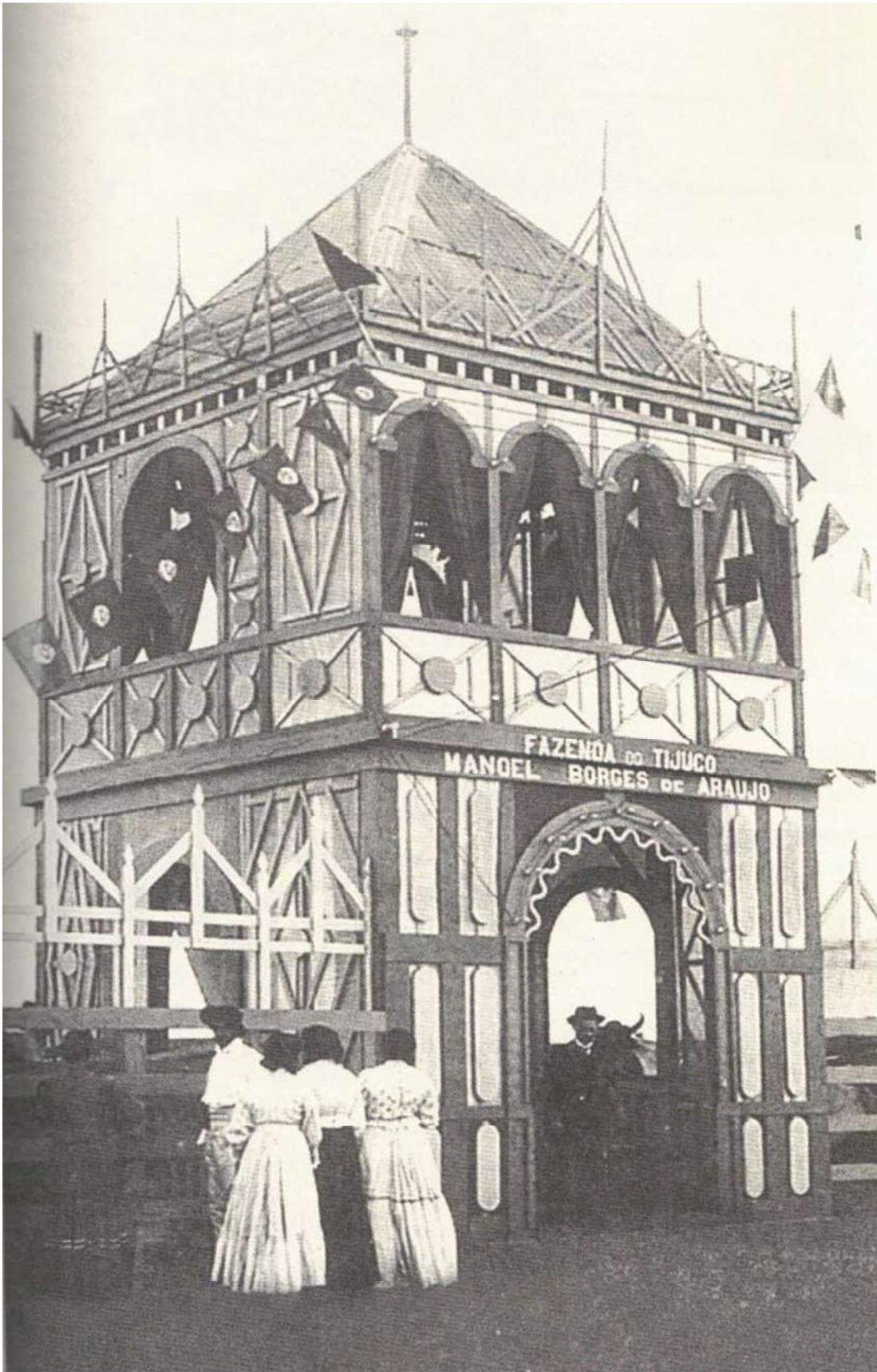
ter havido mudança de atividade econômica e, ainda, que essa “mudança” tenha provocado estagnação no comércio e na cidade.

Como se viu, não houve mudança de atividade econômica, mas, crise no comércio em decorrência dos fatores apontados, que nada tiveram com o surgimento, existência e desenvolvimento da pecuária zebuína iniciada nos fins da década de 1880.

Não é também certo, como se tem entendido e até propalado, que a partir de 1906 Uberaba caracterizou-se por atividade predominantemente pastoril em “detrimento” da atividade comercial-urbana, perdendo a cidade sua posição de entreposto comercial, passando a exercer função “meramente” abastecedora de produtos básicos e de primeira necessidade.

A ocorrência e predominância econômica do zebu não ocasionaram a estagnação comercial da cidade, não se fazendo, pois, em “detrimento” (= prejuízo) da atividade comercial.

Como se observou, e a historiadora acima citada demonstrou, as atividades comerciais de Uberaba sempre foram dependentes de fatores externos a elas, ligados à sua posição geográfica que, num primeiro momento, centralizou, concentrou e monopolizou todo o intercâmbio efetuado entre o litoral (Rio de Janeiro e Santos/São Paulo) com o Triângulo e sul de Goiás e de Mato Grosso, principal e notadamente. Aliás, como Eliane Mendonça reconheceu ao indicar que as alterações havidas na economia uberabense são *“explicáveis pelas próprias características da economia desenvolvida pela cidade, pois inserida numa região economicamente dependente, teve seu*



PAVILHÃO DA FAZENDA DO TIJUCO
(PROJETO DE FRANCISCO PALMÉRIO - EXPOSIÇÃO DE 1911)

desenvolvimento ameaçado quando se alteraram as condições que propiciaram o seu surgimento” (op. cit., p. 48). E, ainda, citando Barsanulfo Borges, “a economia de mercado penetrava em regiões cada vez mais distantes criando, assim, uma relação colonial ou de dependência a nível regional, semelhante às relações de dependência a nível internacional” (op. cit., p. 74/75).

Ao se referir à crise da década de 1890, ainda aduziu: *“foi uma fase de transição, característica do próprio capitalismo. As regiões dependentes têm sua economia desarticulada quando há mudanças nas bases que propiciaram o seu desenvolvimento” (op. cit., p. 88).*

Mais não se precisa dizer. Porém, é de se asseverar diante desse quadro, que se a economia uberabense como entreposto comercial entre regiões distantes foi dependente e foi superada, seja com Goiás por outro entreposto (Uberlândia), seja com Mato Grosso pela ligação direta entre esse Estado e o centro fornecedor (Santos/São Paulo), a economia baseada no zebu (importação direta da Índia, aprimoramento racial, multiplicação reprodutiva e comercialização em todo o país), teve característica exatamente oposta, por adquirir a cidade e região a direção e condução desse processo. De inconsistente (como demonstrado) e dependente entreposto comercial receptor e exportador de bens passou a ser matriz produtora no Mundo Ocidental (e não só no Brasil) de riqueza, além do mais transformadora, já que procedeu a total substituição do até então precário e insuficiente rebanho bovino

brasileiro pela raça bovina ideal para as condições climáticas e mesológicas equatoriais e subequatoriais brasileiras.

Conquanto há décadas o zebu esteja disseminado por todo o país, havendo regiões onde sua criação é relevante, o município de Uberaba e a região detêm não só a primazia como a predominância no aprimoramento e seleção dessa raça bovina, tanto por estar a Associação Brasileira dos Criadores de Zebu – ABCZ sediada na cidade, quanto, também, por seus próprios criatórios.

A Economia na Contemporaneidade

Desde os fins da década de 1940, paralelamente à pecuária zebuína – mesmo que passando por provisória crise nos meados da referida década, com a retirada abrupta do inflacionado valor de financiamento bancário – a economia uberabense foi bafejada por outro virtuoso ciclo de alavancamento econômico produtivo.

Mesmo sem recorrer a dados estatísticos, verifica-se que o município e a região criaram por esforço próprio e condições meso-ambientais empreendimentos eficientes e permanentes, quando não bastante duráveis, de dinamismo econômico:

a) a fundação por Mário Palmério e as irmãs dominicanas de cursos superiores de ensino a partir de 1947, até então inexistentes na região, com sua acentuada expansão nas décadas seguintes com a criação da Universidade de Uberaba (Uniube), dos sistemas educacionais da ACIU, ABCZ, Unipac e Factus e as relevantes institucionalizações da Universidade Federal

do Triângulo Mineiro (UFTM) e do Instituto Federal do Triângulo Mineiro (IFTM), fixando aqui sua própria juventude e atraindo cada vez mais estudantes forâneos;

b) o reflorestamento regional, permitindo o aproveitamento de faixas de terra antes não exploradas ou apenas sub-exploradas e conquistando indústrias específicas;



c) a denominada indústria da construção civil, iniciada sistematicamente na década de 1960, e responsável por grande utilização de mão-de-obra e de materiais de construção aqui produzidos;

d) a industrialização alavancada pela Valefértil, depois Fosfértil e novamente Valefértil, na produção de insumos destinados à indústria de adubos;

e) a verdadeira explosão da agricultura graneleira com introdução, expansão e manutenção das culturas da soja e do milho principalmente, tornando o município e a região um de seus maiores polos produtivos no país;



Distrito Industrial 3

f) a prestação de serviços em vários setores, entre eles, com relevância, a assistência médica e os serviços de saúde;

g) no segmento comercial, a emergência, com suas primeiras experiências na década de 1980, de shopping-centers, como fator de atração de consumidores locais e regionais;

h) desde o início do século XXI, a introdução em larga escala das usinas de açúcar e álcool, trazendo, inclusive, expressiva mão-de-obra forânea;

i) e, ainda, a perspectiva da chegada de gasoduto, propiciador do surgimento de nova planta industrial no município.



A característica básica desses fatores, do ponto de vista econômico-social, além de sua gênese endógena de recursos tidos e produzidos na própria região, ou seja, sem dependência de elementos externos como ocorreu com o comércio no século XIX, é, num caso, sua exportação e, noutro, despertar e manter o interesse de consumidores oriundos de outras cidades.

Necessário, apenas, para se aquilatar a importância e influência de cada um deles no contexto comunitário e regional, que se colham dados estatísticos referentes à sua produtividade e participação no PIB do município.

Conquanto isso (ou tudo isso), carece, no entanto, a cidade e a região, de planejamento econômico, capitaneado pelas prefeituras, câmaras de vereadores, associações comerciais e industriais e outras organizações congêneres e afins, que preveja, propicie e impulsione a industrialização local de sua produção graneleira, toda exportada para outras praças sem a menor agregação de valor, bem como de outras matérias primas produzidas ou encontradas na região.

BIBLIOGRAFIA

BORGES, Barsanulfo. *Apud* Eliana Mendonça Marquês de Resende. *Uberaba: Uma Trajetória Sócio-Econômica – 1811/1910*. Uberaba, Arquivo Público de Uberaba, 1991.

GÊNOVA, Frei Eugênio Maria de. *Apud* Antônio Borges Sampaio. *Uberaba: História, Fatos e Homens*. Uberaba, Academia de Letras do Triângulo Mineiro/Bolsa de Publicações do Município de Uberaba, 1971.

GUIMARÃES, Eduardo Nunes. “A Transformação Econômica do Sertão da Farinha Podre”, revista *História e Perspectivas* n. 04, Uberlândia, UFU, janeiro /junho 1991, p. 13 e 14.

MENDONÇA, Eliane. Ver RESENDE, Eliane Mendonça Marquês de.

PEZZUTI, Pedro. *Apud* Eduardo Nunes Guimarães. “A Transformação Econômica do Sertão da Farinha Podre”, revista *História e Perspectivas* n. 04, Uberlândia, UFU, janeiro/junho 1991, p. 27.

PONTES, Hildebrando de Araújo. *História de Uberaba e a Civilização no Brasil Central*. Uberaba, Academia de Letras do Triângulo Mineiro, 1970.

_____ “O Que Foi e o Que é o Gado Bovino no Triângulo Mineiro”, revista *Convergência* n° 12, Uberaba, ALTM, 1982.

RESENDE, Eliane Mendonça Marquês de. *Uberaba: Uma Trajetória Sócio-Econômica – 1811/1910*. Uberaba, Arquivo Público de Uberaba, 1991.

(do livro físico *Informação Sobre Uberaba*, 2016)



UBERABA CONTEMPORÂNEA

Personalidades

MAJOR EUSTÁQUIO

O Fundador de Uberaba



“Entre o rio Grande e o rio das Velhas na província de Minas Gerais comarca do Paracatu do Príncipe, julgado do Desemboque, prelazia de Goiás, está a povoação de Sto. Antônio e São Sebastião do Uberaba. Os lugares, que ela compreende, eram incultos e desertos até 1807, e apenas conhecida a estrada, que a atravessa de S. Paulo para Goiás, onde residiam alguns índios”.

(Vigário Silva. História Topográfica da Freguesia do Uberaba - Vulgo Farinha Podre)

Por essa época diversos moradores do Desemboque estiveram na região e, quando voltaram, a descreveram a Antônio

Eustáquio da Silva e Oliveira, que se interessou em explorá-la. Por força disso, seu irmão, coronel José Manuel da Silva e Oliveira, indo tomar posse do governo do Pará, passando por Goiás, a que pertencia o julgado do Desemboque, comunicou o fato ao marquês de São João da Palma, que então governava aquela província, o qual nomeou Antônio Eustáquio comandante regente dos Sertões da Farinha Podre em 27 de outubro de 1809.

Nesse entretanto, narrou Hildebrando Pontes (*Vida, Casos e Perfis*, p.80), diversas pessoas saídas do Desemboque estabeleceram-se à margem esquerda do alto ribeirão do Lajeado, afluente da margem esquerda do rio Uberaba, constituindo pequena povoação fundada pelo sertanista José Francisco de Azevedo, que chegou a ter vinte casas e pequena capela, denominada “arraial da Farinha Podre” ou “da Capelinha”, tendo como oragos (padroeiros) santo Antônio e são Sebastião.

Em julho de 1810, segundo vigário Silva, Antônio Eustáquio, que residia no Desemboque, formou bandeira de trinta homens encaminhando-se a oeste cerca de trinta léguas, onde, com seus acompanhantes, lançou algumas posses e fez pequenas roças.

Em 1812, ao proceder segunda entrada, verificando não ter o arraial da Capelinha possibilidades de desenvolvimento, avançou mais a oeste, edificando à margem esquerda do córrego das Lajes casa de morada, aproximadamente a um quilômetro de sua foz, localizada na atual Univerdecidade, onde anteriormente

existiram, sucessivamente, o Instituto Zootécnico de Uberaba, o Aprendizado Borges Sampaio, a Fazenda Experimental Getúlio Vargas ou “fazenda Modelo” e a Embrapa. Dois quilômetros acima, na esquina da atual praça Rui Barbosa com rua Artur Machado, onde hoje é o hotel Monte Carlo (antigo Chaves), e foi por décadas a loja Notre Dame de Paris, construiu “retiro” para suas criações e instalou tenda de ferreiro a cargo de seu escravo Manuel. A partir daí, a seu convite, demonstrando o intuito de fundar uma povoação, os moradores do arraial da Capelinha foram pouco a pouco transferindo-se para junto do retiro, criando a primeira rua de Uberaba, a rua Grande, atuais Vigário Silva e Manuel Borges.

*

Antônio Eustáquio da Silva e Oliveira nasceu em Ouro Preto/MG, em 1770, vindo a falecer em Uberaba, em 6 de fevereiro de 1832. Em cerimônia celebrada pelo vigário Silva, casou-se com Antônia Angélica de Jesus, com quem não teve filhos, deixando, porém, três filhos naturais (Valeriano, Francisca Maria e Sebastiana Maria). Descendia – como seus irmãos, entre eles o capitão Domingos da Silva e Oliveira, primeiro agente executivo da vila de Uberaba, e Joaquim da Silva e Oliveira, em seu tempo o maior proprietário rural da região – de João da Silva Oliveira (João Silveira de Távora, em Portugal), um dos Távoras de Portugal, que, perseguidos pelo marquês de Pombal sob a acusação de atentado contra o rei d. José I em novembro de 1758, fugiram para o Brasil aproximadamente em 1759, adotando novo sobrenome. João da Silva e Oliveira após a

reabilitação da família preferiu manter o nome aqui adquirido.

Os Távoras constituem uma das famílias mais importantes de Portugal, cujos membros, no Brasil, à semelhança de João Silveira, tiveram, na época, de mudar de nome. No livro *D. Leonor de Távora – O Tempo da Ira / O Processo dos Távoras*, Luís de Lancastre e Távora narrou a execução dos principais elementos dessa família (tão ciosa de sua honra, que Leonor de Távora disse ao rei, que “*os de seu sangue sempre haviam sido os primeiros a tudo sacrificar, menos a honra, a bem do monarca e do reino*”. Como d. José I exigiu-lhes justamente a honra, foram sacrificados). Távoras, na região, foram também, entre outros, além do major Eustáquio e seus irmãos, o cônego Hermógenes Cassimiro de Araújo Bruonswik, seu primo, o barão de Ponte Alta e sua esposa, filha de Joaquim, e a esposa do historiador Antônio Borges Sampaio, irmã do barão. O destino dos Távoras entrelaçou-se, pois, com o de Uberaba.

*

A teor do relato feito a Hildebrando Pontes pelo capitão Manuel Prata (Manuel Joaquim da Silva Prata), falecido em 1905 aos 97 anos de idade e que conviveu treze anos com o major, este “*era de estatura mediana, cabelos louros, olhos azuis, voz quase rouca [...] trajava calções de veludo, meias compridas, sapatos de fivelas de ouro e prata, casaco à Luís XV, capa, espada e chapéu armado*”, apresentando-se por vezes “*fardado com a banda e dragonas*”, usava a barba feita e gostava de caçadas. Conforme Hildebrando, major Eustáquio, que só cursou escola

primária, “*não era um espírito culto segundo se depreende do pouco que deixou escrito*”.

Obteve a patente de capitão por volta de 1809/1810 e a de sargento-mor em 1820, correspondente a major na nomenclatura posteriormente adotada pelo Exército Brasileiro.

*

Até seu falecimento, no uso de suas prerrogativas funcionais, administrou eficazmente Uberaba, constituindo-se no que se poderia considerar *de facto* seu “primeiro prefeito”, como se entende hoje essa função.

Entre suas inúmeras iniciativas e realizações, destacaram-se algumas de fundamental importância para consolidação e desenvolvimento do povoado e posterior arraial. Entre elas, segundo Hildebrando Pontes, a criação, em 13 de fevereiro de 1811, do distrito dos Índios. No entanto, vigário Silva na obra *História Topográfica da Freguesia do Uberaba-Vulgo Farinha Podre* não se referiu a esse acontecimento, informando que nessa data Antônio Eustáquio e outros obtiveram da Mesa da Consciência e Ordem provisão para erigirem capela com o orago da Senhora do Monte do Carmo, até meados da década de 1820 não construída. A elevação do arraial à freguesia, em 2 de março de 1820, deveu-se a requerimento de Antônio Eustáquio. Em janeiro de 1823, Eustáquio e vigário Silva instalaram em sociedade o porto da Ponte Alta, visto estar o porto da Espinha, estabelecido pelo Anhanguera à época em que abriu a estrada para Goiás, superado tanto pela tortuosidade da estrada quanto pela incidência de maleita.

Além disso, devidamente autorizado por carta régia de 1820, abriu estrada no distrito e prestou assistência aos índios da região, levando-lhes, segundo Hildebrando, “*a roupa, a ferramenta e a paz*”, informando ainda vigário Silva que esses índios (caiapós) não cometiam, à época, “*a menor hostilidade, o que se deve sem dúvida ao jeito e ao amor com que têm sido sempre tratados pelo sargento-mor Antônio Eustáquio da Silva, que os visita todos os anos, prodigalizando-lhes roupas e ferramentas, ora a sua custa, ora a custa da Fazenda Pública*”.

Todavia, o historiador Luís Bustamante Lourenço (*A Oeste das Minas*, p. 108 e 111), informou, a respeito dos índios, que eles apresentaram queixas contra os invasores de suas terras, “*à frente dos quais Antônio Eustáquio*”. Contudo, esse mesmo autor acrescentou que “*a espoliação das terras indígenas no termo de Uberaba não era um caso isolado no Brasil do período joanino. Era parte de um processo mais geral, que ocorria em todo o país [...] O índio não interessava mais como força de trabalho, como no século XVII, nem como povoador, como no período pombalino. Suas terras, no entanto, com o crescimento demográfico e a expansão econômica, passaram a ser alvo dos interesses do Estado e da sociedade luso-brasileira*”.

O barão de Eschwege, que passou pela região em outubro de 1816, relatando em *Brasil, Novo Mundo* (p. 126) encontro com major Eustáquio, demonstrou, sem o saber e até julgando tratar-se de posição pessoal, o quanto este estava imbuído, como

representante regional da Coroa, da política indigenista oficial referida por Bustamante:

“Nas regiões afastadas das capitais das capitanias, particularmente os sertões, encontram-se quase sempre alguns súditos que, por sua inteligência ou por sua riqueza, são superiores aos vizinhos e, de certo modo, conseguem sujeitá-los, embora poucas vezes em benefício da própria comunidade. Também nessa região, um desses tais instituíra-se em soba, cujas ordens valiam, em geral, mais do que as do governador, e cujo chicote se exercia mais e mais sobre os pobres índios. Ele comunicou-me o projeto que tinha em mente, de tomar pouco a pouco aos índios o seu distrito, para distribuí-lo entre os portugueses, sob o pretexto de que o rei deles não auferia lucro. Como encontrasse na minha pessoa, porém, um defensor dos índios, já que lhe afirmava que tudo faria para que continuassem na posse tranquila de suas propriedades e de seus direitos, mostrou-se muito descontente”.

Nesse mesmo diapasão, inclusive citando essa passagem de Eschwege, opinou Alexandre Barbosa em “Primórdios de Uberaba – A Posse das Terras” (*Lavoura e Comércio*, fevereiro 1936), onde ainda aduziu que “o major, dotado de eminentíssimas qualidades de inteligência e tino político, era, na sua época, exímio condutor de homens”.

Por sua vez, Saint-Hilaire (*Viagem à Província de Goiás*, p. 151/152), relatou que

“Quando cheguei ao arraial [da Farinha Podre] apresentei meus documentos a um capitão de milícia que substituía o

comandante [...] Passei um domingo no arraial. O comandante veio para a missa, e sua casa encheu-se de abastados fazendeiros das redondezas. Achei suas maneiras bem mais rudes que as dos fazendeiros das vizinhanças de Vila Rica”.

Tudo leva a crer que o comandante a que se referiu Saint-Hilaire seja o major Eustáquio, a maior autoridade existente à época na região.

*

O major Eustáquio também estabeleceu a navegação fluvial do rio Moji-Guaçu até o rio Grande, conseguindo, ainda, isenção do pagamento dos impostos por dez anos a todos que se instalassem nas margens da estrada aberta entre o novo porto e a povoação, o que foi deferido em 07 de janeiro de 1826. Cuidou o major do policiamento da região, conforme relatou a Hildebrando Pontes o capitão Manuel Prata, reprimindo a ação dos inúmeros criminosos foragidos das Gerais e que procuravam refúgio na região, obrigando-os “*a trabalhar na construção de muros, casas de taipa e outros serviços em roças*”.

Toda essa atividade levou vigário Silva a registrar, ao encerrar seu ensaio duplamente histórico (pelo que contém e pelo que significa):

“Estando a freguesia do Uberaba em circunstâncias de poder pela natureza do seu fértil solo interessar muito ao Império e aos particulares nela residentes e que vierem depois, deve-se tudo em grande parte ao sargento-mor Antônio Eustáquio da Silva, que não se tem poupado, nem a despesas, nem a fadigas, nem a persuasões para aumentar a sua

povoação, pôr em atividade o seu comércio e animar a agricultura.”



RIO GRANDE NA PONTE DE DELTA INAUGURADA EM 1915

(do livro físico Personalidades Uberabenses, 2014)

Patrimônio Cultural

GENEALOGIAS

Desconhecidas ou ignoradas pela maioria das pessoas, as genealogias têm dado importante contribuição à História, visto que essas pesquisas e levantamentos familiares implicam indivíduos e gerações que compuseram, participaram e contribuíram com sua existência e atuação para a formação histórica no tempo e no espaço.

Uberaba, pelo seu posicionamento espaço-temporal e as peculiaridades que condicionaram e direcionaram seu desenvolvimento, atraiu e reuniu consideráveis núcleos familiares, alguns dos quais, paulatinamente, por meio de um ou outro de seus membros mais qualificados que se propuseram a tais pesquisas, tiveram procedidos seus levantamentos genealógicos.

Em consequência disso, inúmeros já são os livros atinentes ao assunto, aqui referenciados, pela ordem cronológica de suas publicações, seguidos pelos ainda inéditos ou apenas impressos em mimeógrafo.

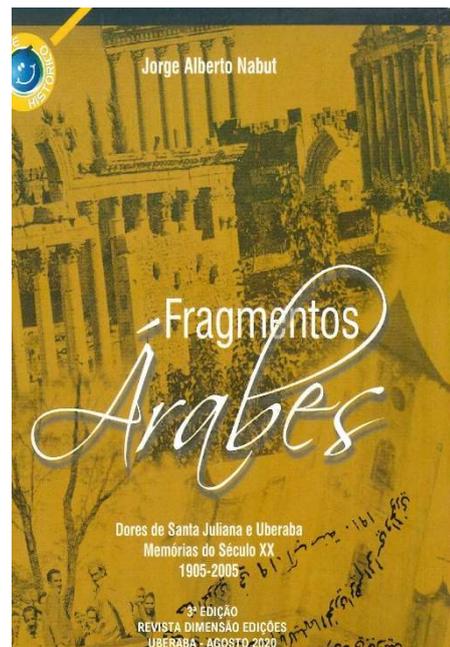
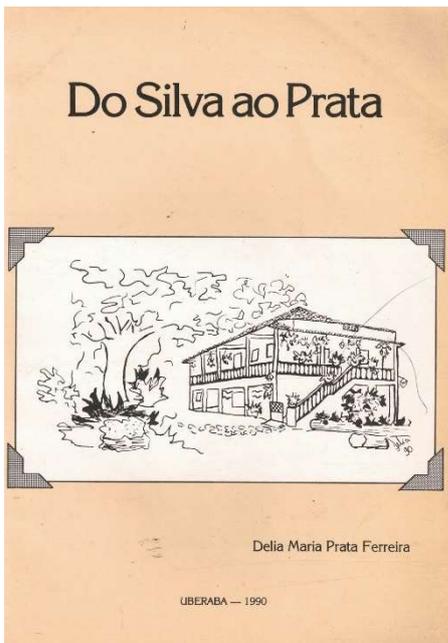
A primeira obra nesse sentido de que se tem notícia deve-se ao incansável historiador **Hildebrando Pontes**, que se não limitou a proceder à genealogia de apenas uma família, o que já seria digno de encômios, mas se lançou a produzir toda uma série

delas, que intitulou de *Genealogia Mineira*, da qual publicou o TÍTULO I – RODRIGUES DA CUNHA, em 1929, composto de 87 (oitenta e sete) páginas, não obstante a tenha iniciado em maio de 1905, conforme informa na introdução ao livro. Hildebrando elaborou ainda a obra ***Nobiliarquia do Triângulo Mineiro***, conforme citada por José Mendonça à p. 206 da *História de Uberaba*.

Após o pioneirismo de Hildebrando Pontes foi editado, em 1956, o livro HISTÓRIA VERÍDICA, de ***Dalila Soares de Azevedo***, levantamento da descendência do capitão Domingos da Silva e Oliveira, irmão do major Eustáquio e primeiro agente executivo (prefeito) do município, precedida a obra de “Sinopse da Vida de Uberaba”.

Trinta e quatro anos depois, em 1990, surgiu o livro DO SILVA AO PRATA, de autoria de ***Délia Maria Prata Ferreira***, editado em 1990 com 175 (cento e setenta e cinco) páginas e diversas ilustrações, que provavelmente serviu de incentivo à série de outros que se lhe seguiram em breves intervalos nos anos seguintes.

Entre 1996 e 2000, ***Paulo Medina Coeli*** editou MEDINA COELI – HISTÓRIA E GENEALOGIA, com 160 (cento e sessenta) páginas, no qual, ao invés do tradicional quadro familiar sucessório, expõe a genealogia dos Medina Coeli por meio de narrativas contextualizadas e ilustradas.

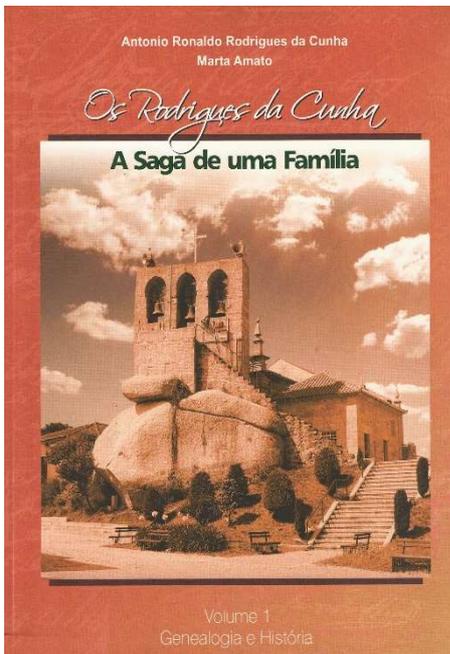


Da mesma forma, **Jorge Alberto Nabut** editou em 2001 o livro FRAGMENTOS ÁRABES, com 278 (duzentas e setenta e oito) páginas e inúmeras ilustrações, no qual, para além dos limites do estrito levantamento familiar, enfoca poética e contextualmente a chegada e atuação de várias famílias libaneses em Santa Juliana e Uberaba. Dessa obra foram efetuadas mais duas edições, a segunda em papel, em 2007, e, a terceira, eletrônica, em agosto de 2020 (com 451 p.) no blog bibliografiasobreuberaba.blogspot.com.br.

Quatro anos depois, em 2005, veio à lume o livro NOSSO PASSADO E NOSSA GENTE, de **Fausto de Vito**, com 214 (duzentas e catorze) páginas, concernente à família De Vito, reportada à sua origem italiana, os primeiros imigrantes e sua descendência.

Encurtando cada vez mais o intervalo entre uma e outra das publicações do gênero, foi editada em 2008, em dois alentados volumes, a obra OS RODRIGUES DA CUNHA – A SAGA DE

UMA FAMÍLIA, de **Antônio Ronaldo Rodrigues da Cunha** e **Marta Amato**, contendo no primeiro, em 584 (quinhentas e oitenta e quatro) páginas, a genealogia familiar e, no segundo, expressivo álbum fotográfico de membros da família.

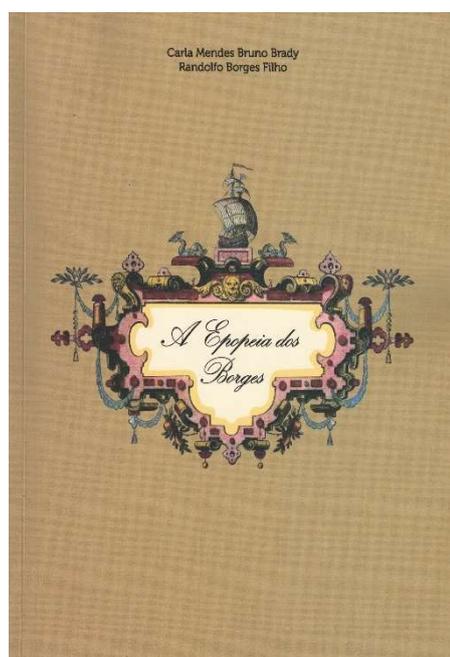
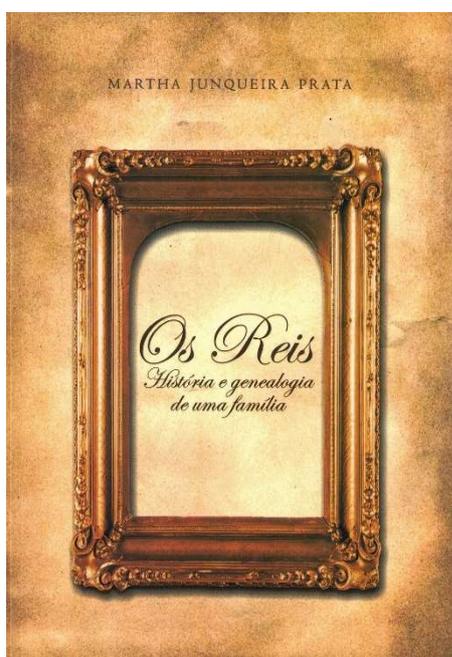


Já no ano seguinte, 2009, **Marta Junqueira Prata** lançou o livro OS REIS – HISTÓRIA E GENEALOGIA DE UMA FAMÍLIA, com 152 (cento e cinquenta e duas) páginas e abrangente índice onomástico.

Nem bem decorridos dois anos desse último lançamento, **Plauto Riccioppo Filho** publicou, em 2011, a obra RAÍZES ARBÈRESCHÈ – HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DA FAMÍLIA RICCIOPPO, também em alentado volume de 614 (seiscentas e catorze) páginas, fartamente ilustradas.

Após um tanto dilatado período intervalar, eis que, em 21 de dezembro de 2019, foi lançado no Museu do Zebu, na presença de centenas de Borges de diversas gerações, A EPOPEIA DOS

BORGES, de **Carla Mendes Bruno Bradi e Randolfo Borges Filho**, em projeto ideado e coordenado por **Leila Borges de Araújo e Randolfo Borges Filho**, em portentoso volume de nada menos de 980 (novecentas e oitenta) páginas ilustradas, focalizando os troncos e ramos familiares: Martins Borges, Borges de Araújo, Gonçalves Borges, Alves Borges, Borges de Gouveia e Antônio Borges Sampaio, o célebre historiador.



*

Além dos livros acima mencionados, existem diversas outras genealogias, veiculadas por enquanto em edições mimeografadas.

A mais longeva delas consiste na GENEALOGIA DA FAMÍLIA SILVA E OLIVEIRA, efetuada por ninguém menos do que o múltiplo historiador **Hildebrando Pontes**, elaborada nos inícios do século XX e composta de 222 (duzentas e vinte e duas) páginas, justamente sobre a família Silva e Oliveira, a fundadora

de Uberaba na pessoa de Antônio Eustáquio da Silva e Oliveira, o major Eustáquio, mas, na verdade, família Távora, perseguida pelo marquês de Pombal e impedida, até sua reabilitação pela rainha Maria I, de utilizar seu legítimo nome, ao qual o pai do major não quis retornar.

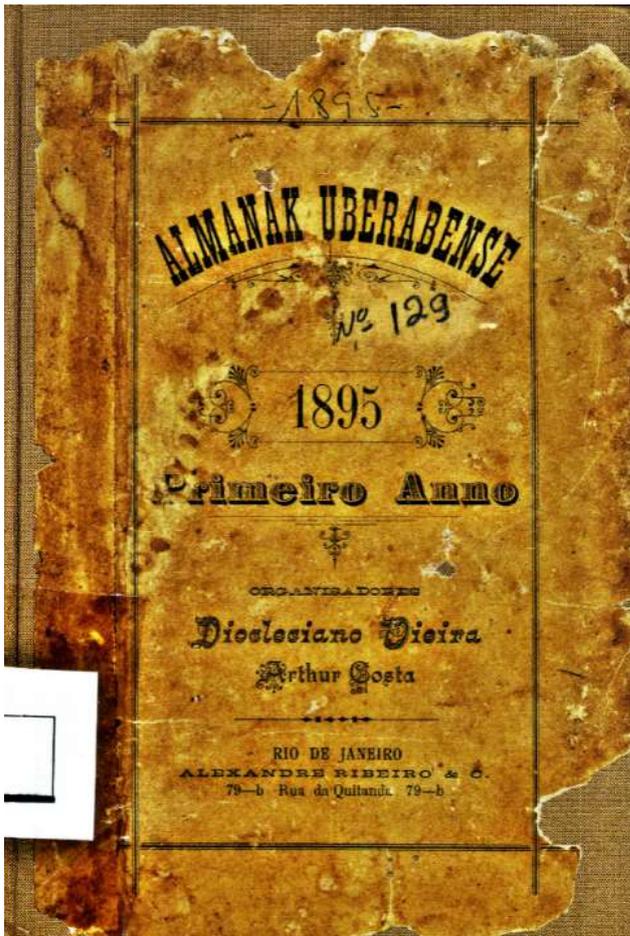
A GENEALOGIA DA FAMÍLIA FERREIRA DE ARAÚJO, também da lavra de historiador **Hildebrando Pontes**, constitui o Título II da série *Genealogia Mineira* que se propôs a fazer, composta de 90 (noventa) páginas manuscritas.

Por sua vez, em 1990, **José Carlos Machado Borges** (**Juquita Machado**) publicou em mimeógrafo, em 244 (duzentas e quarenta e quatro) páginas, sua múltipla genealogia intitulada GENEALOGIAS por se referir, conforme explica o autor em preâmbulo, a seus quatro distintos troncos familiares: Machado dos Santos, Pepino, Borges de Araújo e José Bernardes.

(do livro eletrônico *Patrimônio Cultural de Uberaba I*, janeiro 2021)

Periódicos

ALMANAQUE UBERABENSE



Não só por ser o primeiro, mas, por sua abrangência e conteúdo, o *Almanaque Uberabense* constituiu um dos periódicos mais importantes da cidade por captar sua situação cultural, social e econômica em determinado período, fixando-a para sempre. Como espelho e reflexo da Uberaba de fins do século XIX e inícios do século XX, timbrou, em meio a seções

de lazer e passatempos tão comuns à época e próprias de almanaques, por revelar, mediante artigos e ensaios diversos, aspectos fundamentais da cidade.

Editado inicialmente em 1895, sob a direção dos jornalistas Diocleciano Vieira e Artur Costa, teve esse número impresso no Rio de Janeiro.

Reincetada sua publicação oito anos depois, ressurgiu em 1903 sob a direção de Diocleciano Vieira e Arédio de Sousa, este proprietário da livraria Século XX, já impresso em Uberaba, prosseguindo daí em diante até 1911 anualmente, com formato de 18,5 x 11,5 cm. aproximadamente, média de trezentas páginas por número e regularmente ilustrado. Suas últimas edições tiveram direção apenas de Arédio de Sousa.

Entre os artigos e ensaios publicados em suas páginas, salientaram-se: “A Música em Uberaba”, de Antônio Borges Sampaio, “A Morte do Padre Eterno”, de Desidério Ferreira de Melo (no de 1904), sendo este último o relato de impressionante episódio de fanatismo e violência ocorrido em Patrocínio, “A Arte Dramática em Uberaba”, de Hildebrando Pontes, e “O Tempo em Uberaba”, de Frederico Maurício Draenert (no de 1903).

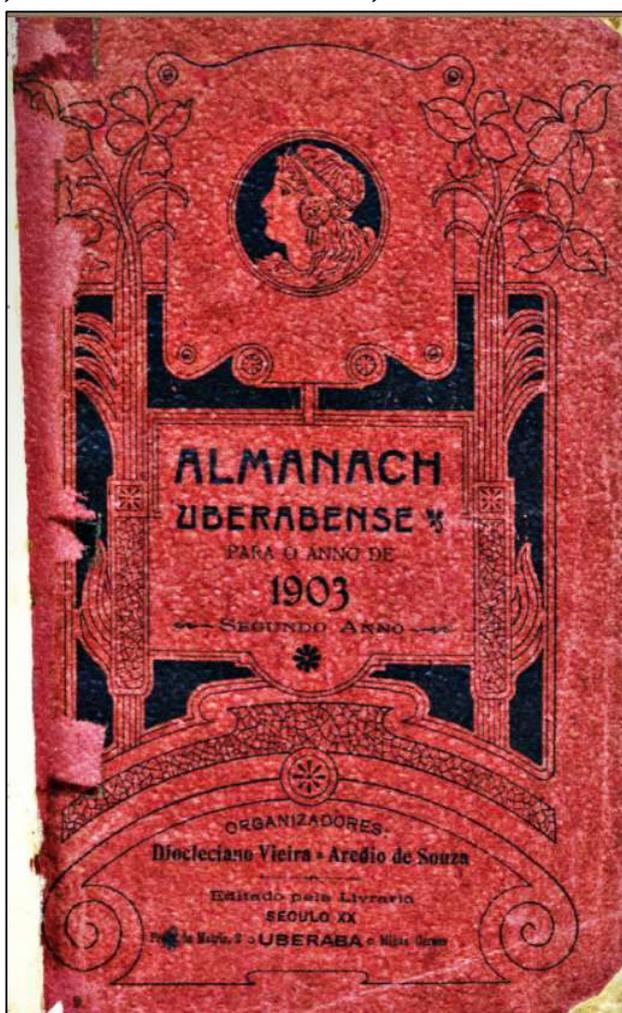
Além disso, o *Almanaque* trouxe diversas biografias de destacadas personalidades de Uberaba, a exemplo do Barão de Ponte Alta, Frederico Maurício Draenert, Senador Pena e Henrique Raimundo des Genettes.

À exceção do ensaio de Draenert, todos os demais e a maioria das biografias foram republicados nos primeiros números na revista *Convergência*, órgão da Academia de Letras do Triângulo Mineiro, no decorrer da década de 1970.

Nem só ensaios e artigos foram divulgados no *Almanaque*. A criação literária (poemas e contos) também mereceu atenção e espaço, publicando-se, no primeiro caso, poemas de Artur Lobo, Bernardo Guimarães, Elviro Novais, Higino Rodrigues, Júlio

Salusse, Lúcio de Mendonça, Luís Guimarães Júnior, Manuel Filipe, Olavo Bilac, Alfonsus de Guimaraens, Atanásio Saltão, Belmiro Braga, Cruz e Sousa, Diocleciano Vieira, J. Camelo, Egídio Andrade, Felício Buarque, Gastão de Deus, João Ribeiro, Luís Murat, Manuel Viotti, Quintiliano Jardim, Raimundo Correia, Teófilo Dias, Zacarias de Melo, Afonso Celso, Arlindo Costa e Silva, Bento Ernesto Júnior, Celso Werneck, José Chagas, Júlia Lopes de Almeida, Raimundo Correia e inumeráveis outros. Conquanto, em bem menor número, publicaram-se contos de, entre vários outros, Artur Lobo, Artur Costa, Manuel Filipe, Elisiário de Vasconcelos, Zilda Gama, Francisco Jardim, Joaquim Manuel de Macedo, Machado de Assis, Diocleciano Vieira, Egídio Andrade, Alexandre Herculano, Guy de Maupassant, Arlindo Costa, Tolstoi, Raul Pompeia, Tancredo Martins e Crispiniano Tavares.

Além disso, o *Almanaque* publicou, em todas suas edições, guias profissionais, industriais e comerciais com relação nominal e endereços de todos os profissionais autônomos da cidade, de suas indústrias e casas



comerciais, representando extraordinário levantamento documentário das principais atividades de Uberaba.

Aspecto também relevante da publicação foi sua parte publicitária, onde desfilaram, em anúncios no mais das vezes de página inteira, as maiores empresas uberabenses da época e diversas outras de São Paulo e Rio de Janeiro, revelando seus textos não só produtos típicos como os próprios costumes da cidade.

Entre tantas outras, farmácia Santo Antônio; fábrica de sabão Uberabense; farmácia Central; hotel do Comércio; Hildebrando Pontes-engenheiro agrônomo; grêmio recreativo Uberabense; fábrica de licores e xarope de Luís Próspero; farmácia Cruzeiro; ourivesaria O Brinco Gigante; fábrica de cerveja da Liberdade; Ch. Parton-professor de piano e línguas; livraria Século XX; Maison Moderne; Economia Doméstica—armazém de gêneros do país; dr. Domingos Paraíso Cavalcanti—médico; Manuel Barcala—empreiteiro de obras e construtor; Luís Humberto Calcagno—calçados; Sul-Americana—agência de loterias; casa Lanes—fazendas finas; Cunha Campos & Cia.—negociantes; fábrica de sabão Uberabense; Clarindo Bernardes Ferreira—oficina de ferreiro; escritório de agrimensura Silvério J. Bernardes e Alexandre de S. Barbosa; clube Recreio—ponto para diversões; pensão Mineira; Francisco Antônio Machado—negociante; Caldeira, Queirós & Cia.—importadores e exportadores; fábrica de fumos nacionais de José Silvério de Faria; joalheria de Umberto Adamo; casa Meireles; *Gazeta de Uberaba*; dr. José Ferreira de Oliveira—médico operador;

fotografia Sobral; escritório de advocacia Felício Buarque; bazar Uberabense; escritório de agrimensura Emídio Marques Ferreira; livraria Universal; alfaiataria Herculano Riccioppo & Cia.; e marmoraria Uberabense.

A edição completa do *Almanaque* encontra-se no blog <http://almanaqueuberabense.blogspot.com.br/>.

(do livro físico *Periódicos Culturais de Uberaba*, 2015)

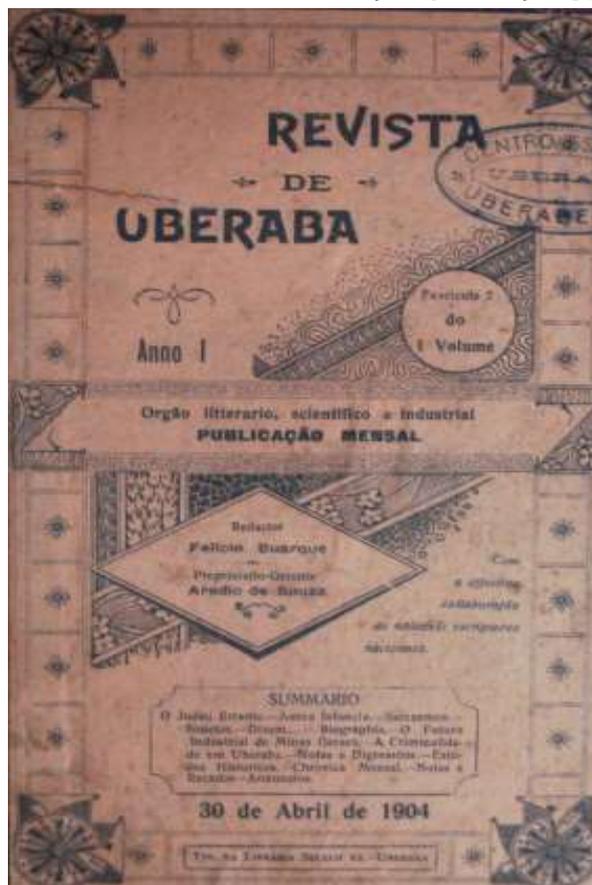


ALMANAQUE UBERABENSE DE 1903

Periódicos

REVISTA DE UBERABA

A *Revista de Uberaba*, “órgão literário, científico e industrial”, circulou mensalmente nos anos de 1904 e 1905, atingindo o número 12 e o primeiro ano de existência em março de 1905, sendo gerenciada por Arédio de Sousa e redatoriada por Felício Buarque, este advogado e promotor de justiça da comarca de Uberaba de novembro de 1900 a novembro de 1904, autor, entre outras obras, de *Origens Republicanas* (1894), *Folhas Soltas* (poesia, 1906) e *Divisão e Demarcação de Terras do Domínio Privado* (1908).



A revista publicou essencialmente contos, poemas, textos, crônicas e artigos.

À semelhança do ocorrido com o *Almanaque Uberabense*, assumiram grande importância suas páginas de anúncios,

reveladoras, testemunhas e repositórios dos gostos, práticas e usos do tempo.

Notáveis, ainda, o cuidado e o alto nível gráfico com que foi confeccionada e impressa.

Sua linha editorial e apresentação gráfica anteciparam o estilo que iria caracterizar a futura *Revista do Brasil*, editada em São Paulo por Monteiro Lobato na década de 1910.

O nº 01 (março 1904, vinte e seis páginas), conteve *poemas* de Silvestre de Lima, Mendes de Oliveira e Celso Werneck (este de Belo Horizonte, os demais sem indicação de origem), *artigos* de Nélson de Sena e Felício Buarque (o deste, a respeito do livro *Fragmentos Literários*, de Augusto Franco), *ensaios* de Antônio Borges Sampaio (“Sertão da Farinha Podre, Atual Triângulo Mineiro”) e de Militino Pinto (“O Futuro Industrial de Minas Gerais”) e notas da redação.

O nº 02 (abril, trinta páginas), publicou *poemas* de Felício Buarque (o longo “Judeu Errante”, só terminado no nº 05), Belmiro Braga, Mauro de Lima, A. Pinheiro Campos (este de São João del Rei) e Celso Werneck (Belo Horizonte), *ensaios* de Borges Sampaio (“Biografia do Cônego Hermógenes”), Militino Pinto (continuação do iniciado no nº 01) e Felício Buarque (“A Criminalidade em Uberaba – Ensaio de Criminologia Local”) e, além de outras matérias, a seção “Crônica Mensal”, de Atanásio Saltão.

O nº 03 (maio, trinta páginas), trouxe *poemas* de Felício Buarque, A. Pinheiro Campos e Eduardo Cerqueira (este de Belo Horizonte), *artigo* de Atanásio Saltão, conclusão da biografia do

Cônego Hermógenes, de Borges Sampaio, e prosseguimento dos ensaios de Militino Pinto sobre o futuro industrial de Minas Gerais e de Felício Buarque sobre a criminalidade em Uberaba, além das seções “Crônica Mensal”, de Atanásio Saltão, e notas da redação em que se comentaram, entre outros assuntos, as revistas *Renascença* (Rio de Janeiro) e *Revista Agrícola, Comercial e Industrial Mineira* (Belo Horizonte).

O nº 04 (junho, trinta páginas), inseriu *poemas* de Felício Buarque, A. Pinheiro Campos e Celso Werneck, *artigos* de Rodrigues da Cunha e Diocleciano Mártir, *ensaios* de Borges Sampaio (“Biografia de Francisco Rodrigues de Barcelos”), Nélon de Sena (“Estado de Minas Gerais – População”) e Felício Buarque sobre a criminalidade em Uberaba, seções “Crônica Mensal”, de A. Saltão, e notas da redação.

O nº 05 (julho, vinte seis páginas), publicou *poemas* de Felício Buarque (término do “Judeu Errante”, que em 1906 integrou seu livro *Folhas Soltas*), Evaristo Gurgel (Sacramento) e A. Pinheiro Campos (São João del Rei), *artigo* “A Poesia”, de Atanásio Saltão, *ensaios* de Antônio Borges Sampaio (conclusão da biografia de Francisco Rodrigues de Barcelos), Felício Buarque e Militino Pinto de Carvalho em prosseguimento, respectivamente, aos ensaios sobre a criminalidade em Uberaba e o futuro industrial de Minas, e as seções “Crônica Mensal”, de Atanásio Saltão, e notas da redação.

O nº 06 (agosto, trinta páginas), iniciado com carta à redação de Estêvão Leão Bourroul, intelectual paulista assíduo colaborador dos jornais e periódicos uberabenses, trouxe

poemas de Tomás O'Connor d'Arbache, Euclides Bandeira (Curitiba), Gomes de Carvalho (Belo Horizonte) e Gama e Silva, o *ensaio* “Fragmento de Estudo Sobre o Movimento Literário em Minas no Ano de 1903”, de Rodrigues da Cunha (Ouro Preto), *texto* de P. X., biografia de Joaquim Antônio Rosa, de autoria de Borges Sampaio e continuação dos ensaios sobre a criminalidade em Uberaba (Felício Buarque) e o futuro industrial de Minas (Militino Pinto de Carvalho), além da “Crônica Mensal” (Atanásio Saltão) e notas da redação.

O nº 07 (setembro, vinte e quatro páginas) interpôs *poemas* de Felício Buarque, Belarmino Carneiro (Recife), Gama e Silva (Rio de Janeiro), C. Brunetto (Rio de Janeiro) e Álvaro Viana (Curvelo), *artigo* de Atanásio Saltão “A Língua Portuguesa”, *biografia* de João Batista Machado (Borges Sampaio), prosseguimento do *ensaio* de Felício Buarque sobre a criminalidade, e as *seções* “Crônica Mensal” (Atanásio Saltão) e notas da redação.

O nº 08 (outubro, vinte e quatro páginas), divulgou *poemas* do onipresente Felício Buarque, Gama e Silva (Rio de Janeiro), Celso Werneck (Belo Horizonte) e, pela primeira vez na revista, Alfonsus de Guimaraens, *artigo* de Oliveira Castro (Rodrigues da Cunha), *ensaio* “Estradas Primevas do Sertão da Farinha Podre”, do também sempre presente Borges Sampaio, “Impressões de Leitura – *Ensaio de Crítica*, de Artur Orlando (Recife)”, de Felício Buarque, prosseguimento de “A Criminalidade em Uberaba”, também de F. Buarque, e as *seções* “Crônica Mensal” e notas da redação.

O nº 09 (novembro, vinte e quatro páginas), trouxe *poemas* de Felício Buarque, Gama e Silva, Auta de Sousa e Alfonsus de Guimaraens, *artigos* de B. Carneiro (Rio de Janeiro), P. X. (vá se saber quem é!) e de Borges Sampaio sobre Uberaba, além de prosseguir com as séries sobre a criminalidade em Uberaba (F. Buarque) e o futuro industrial de Minas (Militino), a “Crônica Mensal” (Atanásio) e as notas da redação.

O nº 10 (dezembro/1904), publicou *poemas* de A. Pinheiro Campos, Luciano Gualberto e A. S. Castro Meneses, *artigos* de Atanásio Saltão e do incógnito P. X., e a escritura de venda em cidade do Pará que fez a cafusa Joana Batista de si própria, divulgada por Borges Sampaio, além de prosseguir com a edição dos *ensaios* sobre a criminalidade em Uberaba, de Felício Buarque, e o futuro industrial de Minas, de Militino Pinto de Carvalho, e, ainda, quase certamente, a “Crônica Mensal” e as notas, já que na coleção consultada faltam as últimas páginas desse número, que saltam de 234 (a última) para 240 no nº seguinte.

O nº 11 (janeiro 1905), conteve *poemas* de Felício Buarque, A. Pinheiro Campos e Luciano Gualberto, *artigos* de Castro Magalhães, Felício Buarque e P. X., *ensaios* de Borges Sampaio sobre as colinas de Uberaba e de F. Buarque sobre criminalidade em Uberaba, além da seção de notas.

O nº 12 (março 1905, com mais de oitenta páginas), já que não editada a revista em fevereiro, comemorou um ano de existência por meio do editorial “Através de Um Ano”, publicando *poemas* de Belmiro Braga, Felício Buarque,

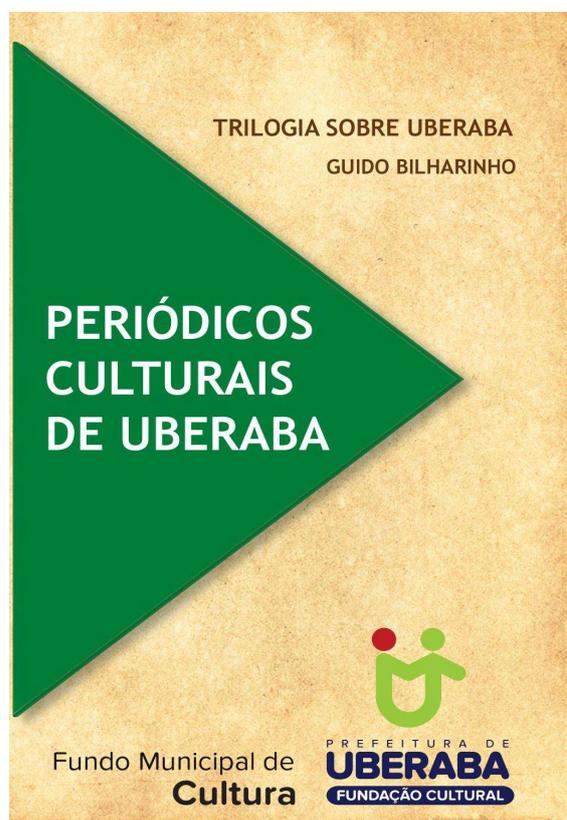
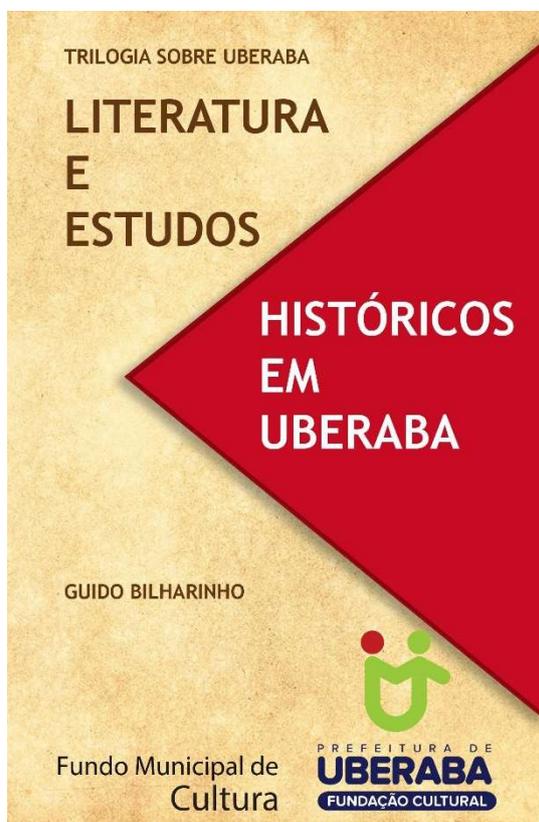
Belarmino Carneiro (Recife), Celso Werneck (Belo Horizonte), Egídio de Andrade, Paulo Brandão, Ricardo Paranhos (Catalão), C. Brunetto e Carlos Veloso (Ouro Preto), *artigos* de Júlia Lopes de Almeida, A. Pinheiro Campos, Rodrigues da Cunha, Pedro Sanches de Lemos, D. Batalha, Ricardo Paranhos e Estêvão Leão Bourroul, *biografias* de Felício Buarque por Militino, de Militino por José Maria dos Reis, de monsenhor Inácio Xavier da Silva por F. Buarque, de Borges Sampaio por A. Saltão e de Atanásio Saltão por Quintiliano Jardim, que, este, ainda assinava Júnior, *conto* (pela primeira vez), de Maria Dolabela, “Crônica Mensal” e as notas, encerrando com esse número a existência da revista, cujos pequenos senões (excessiva presença de seu editor e quase total ausência de poetas locais) não empanaram suas altas e permanentes qualidades.

(do livro físico *Periódicos Culturais de Uberaba*, 2015)

Indicações

TRILOGIA SOBRE UBERABA

(LIVROS FÍSICOS)



GUIDO BILHARINHO - 2014

TRILOGIA SOBRE UBERABA

INFORMAÇÃO SOBRE UBERABA

TRILOGIA SOBRE UBERABA - INFORMAÇÃO SOBRE UBERABA

GUIDO BILHARINHO



Fundo Municipal de
Cultura

PREFEITURA DE
UBERABA
FUNDAÇÃO CULTURAL

ANTÔNIO BORGES SAMPAIO

Uberaba:

HISTÓRIA, FATOS E HOMENS



3ª EDIÇÃO
FERNANDA BILHARINHO MENDONÇA
REVISTA DIMENSÃO EDIÇÕES
UBERABA/BRASIL - AGOSTO 2021

BLOG: <https://bibliografiasobreuberaba.blogspot.com/>

BLOGS CULTURAIS

BLOG EDITORIAL GUIDO BILHARINHO

UM LIVRO POR MÊS (DESDE SETEMBRO/2017)

54 VOLUMES EDITADOS

LITERATURA – CINEMA – HISTÓRIA DO BRASIL – TEMAS
REGIONAIS – ENSAIOS E ARTIGOS

<http://guidobilharinho.blogspot.com/>

DIMENSÃO – Revista Internacional de Poesia

(1980 a 2000)

Coleção Completa - 635 poetas de 31 países

Índices Onomásticos - Repercussão da Revista

<https://revistadepoesiadimensao.blogspot.com.br/>

BIBLIOGRAFIA SOBRE UBERABA

32 Volumes Editados

<https://bibliografiasobreuberaba.blogspot.com.br>

FUNDAÇÃO - EVOLUÇÃO ECONÔMICA - PIONEIRISMO - HISTÓRIA -
ATIVIDADES CULTURAIS - LEGISLAÇÃO MUNICIPAL - MEIO AMBIENTE
- SISTEMA FLUVIAL - TEATRO - BIBLIOGRAFIA

AUTORES UBERABENSES

5 Livros Publicados

<https://autoresuberabenses.blogspot.com.br>

POESIA – BIOGRAFIA – ARTIGOS - ENSAIOS

Revista PRIMAX

<https://revistaprimax.blogspot.com/>

Revista NEXOS

<https://revistaregionalnexus.blogspot.com/>